

Vendas perdem fôlego

LUCIANA NAVARRO E
LETÍCIA NOBRE
DA EQUIPE DO CORREIO

A pesar das pesquisas de comércio indicarem que o varejo brasileiro ainda está aquecido, já é possível encontrar sinais de desaceleração na economia. Para alguns especialistas ouvidos pelo Correio, o Brasil seguirá, nos próximos meses, em ritmo mais lento. A crescente taxa de inflação e a elevação dos juros são apontadas como as grandes vilãs para o consumo no país. Com o aumento dos preços dos alimentos doendo no bolso de muitos brasileiros, há, para a Confederação Nacional do Comércio (CNC), uma tendência natural de diminuição da velocidade de expansão.

"A pressão dos alimentos reduz a massa real de salários e o aumento dos juros eleva o custo do crédito, ingredientes fundamentais para as vendas do varejo", afirma Carlos Tadeu Freitas Gomes, chefe do departamento econômico da CNC. Os prazos do crédito ainda não diminuíram, mas essa alternativa não é descartada pelo especialista. "Isso vai depender da taxa de juros, vivemos um momento de indefinição", diz. De acordo com o boletim Focus, do Banco Central, a expectativa do mercado é de que a Selic, a taxa básica de juros, feche o ano em 13,5%. Na última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom) ela subiu de 11,25% para 11,75%. Alguns analistas apostam em taxa acima de 14% até o fim do ano caso o Copom aumente os juros em 0,75 ponto percentual na reunião da próxima semana.

A redução do ritmo de expansão do varejo será, para a CNC, sentida em breve em todo o país. No Distrito Federal, no entanto, empresários já vivenciam os efeitos da desaceleração. De acordo com o presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), Vicente Estevanato, o desaquecimento econômico ainda é percebido em poucos segmentos, especialmente aqueles com repasse imediato dos reajustes de preços como combustíveis, alimentos, material de construção — cimento e produtos compostos de petróleo. "Os consumidores ficam assustados com os aumentos, priorizam os itens básicos e essenciais e deixam os supérfluos de lado", explica.

Diante da mudança de consumo local, os supermercados diminuíram a expectativa de crescimento. De acordo com um dos vice-presidentes da Associação dos Supermercados de Brasília (Asbra), Onofre Silva, era esperado um aumento de 15% de janeiro a maio, o que não se concretizou: o percentual foi de 5%. "Este foi um início de ano atípico, com feriados próximos que alteraram o ritmo de compras." A rede de supermercados Comper foi uma das que precisou se adaptar ao novo molde do consumo no DF. "Nossos clientes migraram de um produto mais caro para um similar mais em conta", revela Gustavo Rodrigues, gerente regional do grupo. Os novos hábitos dos consumidores não reduziram o volume de venda da re-

SINAL DE ALERTA

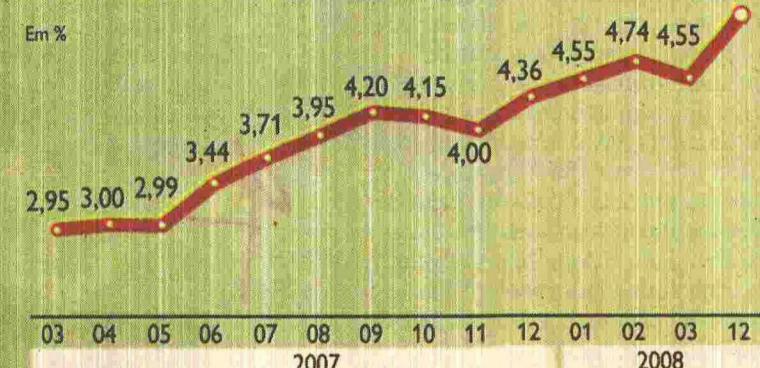
As principais influências sobre o consumo



Joelson Miranda/CB/D.A Press

A INFLAÇÃO SOBE

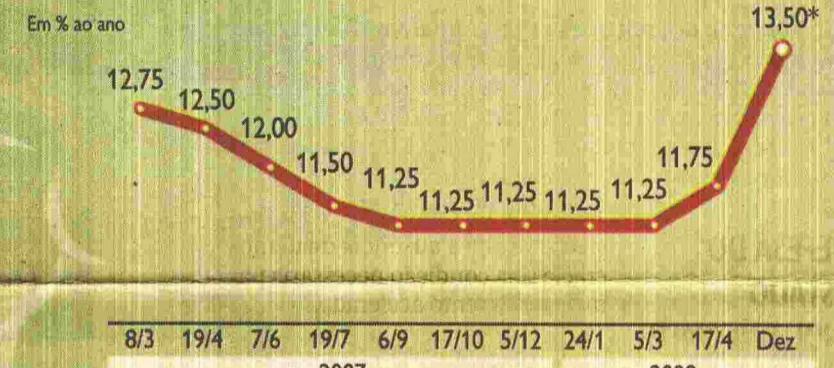
IPCA acumulado em 12 meses mantém ritmo de alta



Fontes: IBGE e * Focus (previsão para este ano)

OS JUROS AUMENTAM

Banco Central aumenta taxa básica (Selic) para combater a inflação

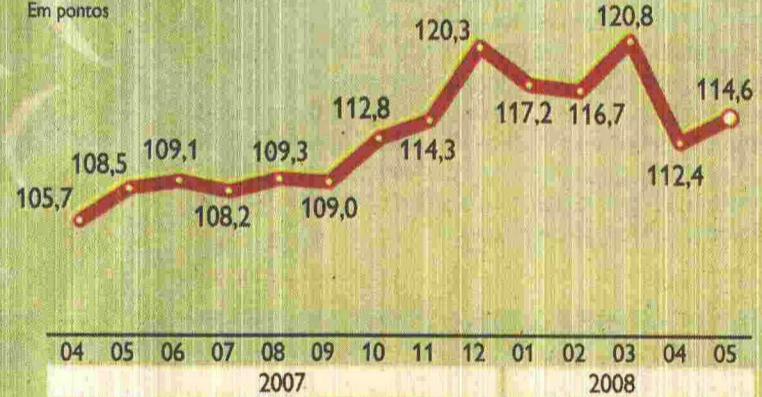


Fonte: Banco Central e *Previsão do Focus

PRIMEIRO ABALO

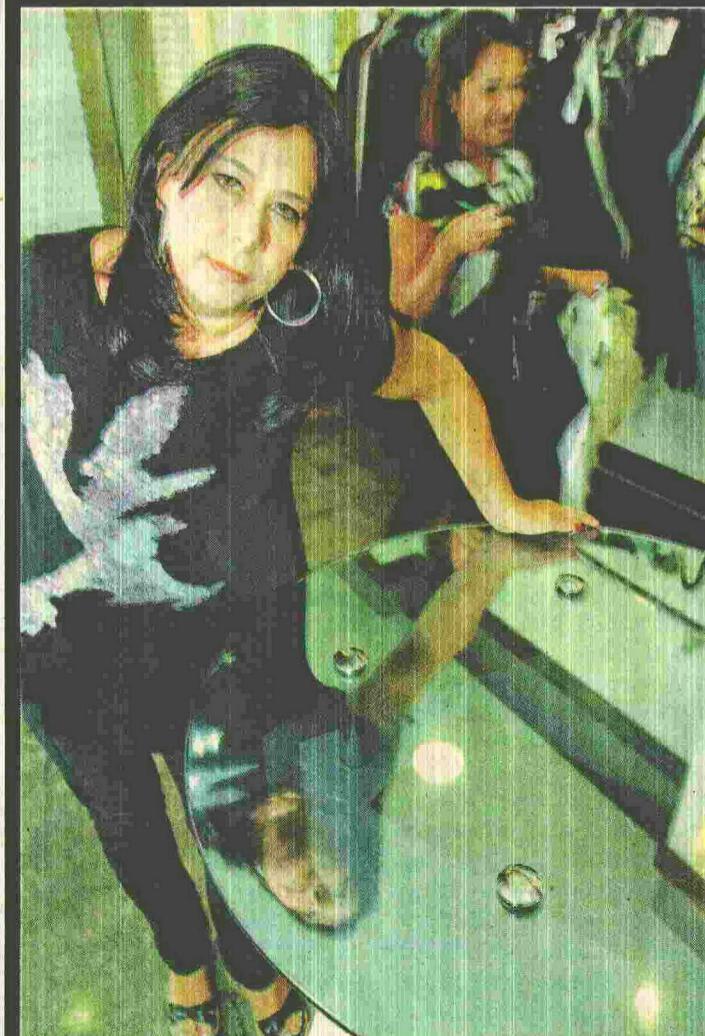
Depois do aumento da inflação e dos juros, Índice de Confiança do Consumidor sobe em maio, mas mantém-se abaixo do nível de março

Em pontos



Fonte: FGV

Igo Estrela/Especial para o CB/D.A Press



MARIA RIBEIRO, DA NOVA STAMPA: VENDAS AUMENTARAM APENAS 2% OU 3%